

Dois poemas inéditos de José Jorge Letria

ARTUR CRUZEIRO SEIXAS

OU A ABSOLUTA LIBERDADE DAS COISAS

Os olhos do pintor amotinam sílabas,
decifram mistérios, inventam mapas
na ébria inquietação das noites.

Cada tela tem a grandiosidade pobre
do que o sonho faz eterno, por ser nosso.

A tela é a carne do poema, a sua máscara,
a sua secreta identidade colada ao vidro
das janelas onde ninguém aprendeu a dizer adeus.

As mulheres e os cavalos correm, crinas de lume,
na mesma direcção, que é a do assombro e da morte.

O poeta vê muito para além do que consegue ver,
porque tudo o que vê nasce da imaginação
com que respira em cada gesto, em cada instante,
em cada ilha da quadrícula da página,
em cada oceano da alucinação do tempo.

E sobram as horas, e sobram os dias,
e sobra a labiríntica revolta das vozes
nomeando o que arte ainda não ousou dizer.

O pintor está sentado sob o alpendre de um continente
que nenhum livro logrou narrar ou definir.

Pode ser África, Atlântida ou apenas terra ignota,
que é onde as ideias deixam crescer as asas

e seguem os carreiros das formigas
até ao centro vibrante e impalpável da loucura.
Nunca nada foi tão belo e luxuriante
como a mão dando forma ao assombro de existir,
no papel, na tela, na imensa tentação do vazio.
O poeta confunde-se com a linha do infinito,
por ser absoluto e único como o universo
que pede ao orvalho para lhe matar a sede.
Só o real ousa ser surreal quando o pintor
desperta e proclama a absoluta liberdade
das coisas que nascem muito para além da morte.

José Jorge Letria

2 de Março de 2012

TAMBÉM NESTE SÍTIO

GRANDE ENTREVISTA A CRUZEIRO SEIXAS

<http://www.casaldasletras.com/Textos/CRUZEIROSEIXAS1.pdf>

A DOR DE ERASMO

Muito me dói esta Europa
que latim algum pode já unir,
continente naufragando
nas águas desavindas dos seus medos,
casa dividida entre o ter e o não ter,
onde os filhos, olhando as ruínas
de outros tempos, querem saber:
o que será de nós quando
a claridade voltar aos nossos olhos ?

Recebo, antes da última viagem,
um exemplar de *O Príncipe* de Maquiavel,
italiano que tudo sabe
sobre a máquina dilacerante do poder.
Assim se cruzam duas Europas
tão desiguais e únicas, a minha e a dele,
e nada mais me resta
a não ser este pressentimento ocidental
que me faz escrever em pranto
a oração final do nosso destino europeu.
Como posso eu elogiar a loucura,
se é ela que agora nos amotina e cerca,
cegueira da razão que tudo pode aniquilar ?

José Jorge Letria

Outubro de 2011